



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7080 - Pôster - 3ª Reunião Científica da ANPEd-Norte (2021)

ISSN: 2595-7945

GT02/GT 17 - História da Educação e Filosofia da Educação

Educação Itaputyr Tembê Tenetehara e o Ensino de Filosofia: olhar decolonial e intercultural na Amazônia paraense.

Henrique de Moraes Junior - UEPA - Universidade do Estado do Pará

Agência e/ou Instituição Financiadora: Fundação Amazônia de Amparo à Estudos e Pesquisa do Estado do Pará (FAPESPA).

## **EDUCAÇÃO ITAPUTYR TEMBÊ TENETEHARA E O ENSINO DE FILOSOFIA: OLHAR DECOLONIAL E INTERCULTURAL NA AMAZÔNIA PARAENSE**

### **INTRODUÇÃO**

O colonialismo civilizador, mercantil, político e educacional da coroa portuguesa assimila, integra e domina a diferença cultural indígena desde o período do Brasil colonial do século XVI, porém com resistência e luta decolonial o movimento indígena no Brasil e na Amazônia paraense com apoio de ONG'S e da sociedade civil na década de 1970 marcam na educação intercultural a possibilidade do diálogo que respeite as diferenças culturais com igualdade ao negociar os conflitos com interações formativas na política educacional brasileira indigenista provocado pela redemocratização da constituição federal brasileira na década de 1980 (GOMES, 1991; PAIXÃO, 2010; CANDAU, 2008; OLIVEIRA, 2015; FREIRE, 1993 e FLEURI, 2003).

Em 1998, o Ministério da Educação lançou o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, cujo objetivo era promover uma educação intercultural, comunitária, bilíngue, específica e diferenciada, vale ressaltar, que a categoria intercultural consiste em promover uma situação de comunicação entre experiências socioculturais, linguísticas e históricas diferentes reafirmadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica de 2013 no ensino médio por meio da flexibilidade com a Base Nacional Comum interdisciplinar e contextual. Nesse sentido, o Ensino de Filosofia compõe a Base com os Parâmetros Curriculares Nacionais na área de Ciências Humanas e suas Tecnologias (BRASIL, 1997).

O documento “Parâmetros curriculares nacionais: filosofia” (BRASIL,1997) destaca que o ensino de filosofia tem a competência de promover condições para o trabalho, a cidadania com habilidades reflexivas por meio das leituras de textos filosóficos da tradição histórica ou

temática europeia, todavia, apesar de apresentar em seu currículo o intercultural, não evidencia a sua concepção e prática entre as culturas ignorando a incorporação de identidades outras pela retórica multicultural de assimilação (CANDAUI, 2008) e intercultural funcional de integração ao sistema dominante (WALSH, 2009).

Nesse contexto, a rede modernidade/colonialidade latino-americana[1] questiona essa dominação europeia, por meio do Ensino de Filosofia, ao compreender a realidade e resolver problemas das comunidades indígenas através da tradição eurocêntrica, inviabilizando o diálogo entre tradições filosóficas ao promover a colonialidade do saber pela invasão cultural, violência ou arrogância, racismo, desumanização e negação da alteridade filosófica indígena (DUSSEL, 1974; FORNET, 2009; GÓMEZ, 2005; QUIJANO, 2014; TORRES, 2007).

Dessa forma, a interculturalidade crítica é fundamental ao reconhecer a dominação e as relações de poder e propor transformações com respeito, igualdade epistêmica, filosófica, educacional e social (WALSH, 2009), afinal a dialética hegeliana negativa da totalidade filosófica universal nega a alteridade filosófica indígena ao resolver os problemas cotidianos pela curiosidade como um ato filosófico humano por meio dos núcleos universais problemáticos[2] de compreensão, de explicação e de expressão do todo, do fenômeno, da subjetividade, da ética e do ontológico (DUSSEL, 2016) que estão diretamente interligados com as sabedorias e memórias ancestrais (ASTRAIN, 2009).

Ao estabelecer um giro decolonial[3], intercultural e educacional de fronteira filosófica é possível o diálogo (TORRES, 2007; MIGNOLO, 2003; FORNET, 2009; OLIVEIRA, 2015). Nesse sentido, na Amazônia paraense o ritual formativo do moqueado/menina moça do povo Tembé Tenetehara expressa os núcleos universais, suas sabedorias, memórias ancestrais filosóficas, educacionais e marca relações com a escola indígena Itaputyr (PAIXÃO, 2010; ASTRAIN, 2009).

## **OBJETIVOS**

A presente Dissertação de Mestrado objetiva analisar no Ensino de Filosofia na Escola Estadual Indígena de Ensino Médio Itaputyr se há existência de uma relação colonial e ou intercultural entre os saberes filosóficos do povo Tembé subjacentes aos núcleos universais problemáticos e seus Rituais entre os quais o da Festa do Moqueado/Menina Moça e os saberes filosóficos da Tradição Europeia.

Tem como objetivos específicos: a) Conferir tendo por base os núcleos universais problemáticos, o ritual e a cultura do povo Tembé os seus saberes filosóficos; b) Identificar qual é a concepção de colonialidade e ou interculturalidade subjacente ao Projeto Político Pedagógico Curricular, na formação docente, na didática pedagógica, no material-didático, no plano de aula, nas estratégias metodológicas e na avaliação da aprendizagem; c) Verificar de que forma os saberes filosóficos do povo Tembé são incorporados no Ensino de Filosofia nos processos Metodológicos, Avaliativos e Curriculares; e d) Identificar como é estabelecida a relação com os saberes filosóficos de tradição europeia.[4]

## **METODOLOGIA**

Os caminhos Metodológicos são: pesquisa de abordagem qualitativa e tipo de campo (MINAYO, 2009); o Método é o Histórico-Dialético (LAKATOS, 2003; DUSSEL, 2012). O Locus de Investigação é a Escola Estadual Indígena de Ensino Médio Itaputyr, localizado na Terra Indígena do Alto Rio Guamá no Estado do Pará na Cidade de Capitão Poço no município de Santa Luzia do Pará. Os participantes do Estudo são: o Cacique da Aldeia Zawara Uhu por possuir os saberes filosóficos e educacionais subjacentes ao Ritual da Festa do Moqueado e o Professor do Ensino Médio de Filosofia da Escola Itaputyr.

Foram adotados os seguintes Procedimentos: o levantamento bibliográfico (GIL, 2008) e a análise documental (PÁDUA, 2004) que foi realizada sobre o Projeto Político Pedagógico Curricular e o Plano de Aula. Também será realizada uma entrevista semiestruturada (OLIVEIRA, 2010) com o Cacique e o Professor de Filosofia, além da observação in lócus (GIL, 2008) das aulas de Filosofia.

A análise e sistematização (GIL, 2008) ocorrerá por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 2002), organizada por meio de categorias temáticas. Foram identificadas categorias Analíticas (OLIVEIRA, 2011) tais como: a decolonialidade, a Interculturalidade Funcional e Crítica; a Educação Intercultural; o Eurocentrismo; a Colonialidade do Poder, do Ser e do Saber. Por fim, foram efetivados os Cuidados Éticos com os sujeitos da pesquisa por meio do termo de consentimento livre e esclarecido.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Nesta pesquisa, até o momento, identificamos na análise do plano de aula do professor, a possível denúncia da educação bancária[5], por meio da colonialidade do saber filosófico histórico e temático, com tendências da interculturalidade funcional ao assumir a diversidade cultural como subtemática, apontando seu reconhecimento e deixando de fora os dispositivos e padrões de poder estrutural-capitalista de mercado.

Observamos a ausência do debate intercultural crítico tanto no Projeto Político Pedagógico curricular, quanto no Plano de Aula, o que mantém as desigualdades e as contradições sociais dos interesses e necessidades das instituições sociais hegemônicas, apesar de anunciar uma educação libertadora decolonial, por meio do diálogo entre os saberes éticos filosóficos Tembé e os Europeus escolares no Ensino de Filosofia.

## **CONSIDERAÇÕES PARCIAIS**

A educação escolar Itaputyr vem obtendo avanços em relação à legislação que a orienta, tendo como espaço uma situação de necessidade específica e diferenciada, bilíngue, comunitária e intercultural para o povo Tembé, porém, ainda há enormes conflitos e contradições no Projeto Político Pedagógico a serem superados na organização da gestão administrativa, didática e pedagógica ao preconizar a construção e inclusão ou incorporação do conhecimento e os processos próprios de ensino e aprendizagem decolonial e intercultural na Amazônia paraense.

O estudo do projeto político pedagógico curricular e o plano de aula do professor aponta que há um discurso presente da interculturalidade, mas possivelmente na perspectiva funcional e não crítica, bem como a manutenção de um ideário de educação que reconhece os saberes éticos e filosóficos Tembé, mas ao mesmo tempo não dialoga com outros saberes culturais dessa população, mantendo a lógica do pensamento colonial eurocêntrico no campo filosófico.

## **REFERÊNCIAS**

ASTRAÍN, Ricardo. *La filosofía mapuche*. México: CCREAALC, 2009.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Portugal: Edições 70, 2002.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escola Indígena*. Brasília: MEC, 2013.

\_\_\_\_\_. *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*. Brasília: MEC, 1998.

- \_\_\_\_\_. *Parâmetros curriculares nacionais: filosofia*. Brasília: MEC, 1997.
- CANDAU, Vera. *Multiculturalismo, educação e direitos humanos*. Rio de Janeiro: DP Editora, 2008.
- DUSSEL, Enrique. *Filosofias del Sur: descolonización y transmodernidad*. Akal: México, 2016.
- \_\_\_\_\_. *A produção teórica de Marx: um comentário aos Grundrisse*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Método para uma Filosofia da Libertação*. Loyola: São Paulo, 1974.
- FORNET, Raúl. *La Filosofía Intercultural*. México: CCREAALC, 2009.
- FLEURI, Reinaldo. Intercultura e educação. *Rev. Bras. Educ*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 16-35, maio/jun/jul/ago. 2003.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GIL, Antônio. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMES, Mércio. *Os índios e o Brasil: ensaio sobre um holocausto e sobre uma nova possibilidade de convivência*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- GÓMEZ, Santiago. *La hybris del punto cero: ciencia, raza e ilustración en la nueva granada (1750-1816)*. Bogotá: EPUJ, 2005.
- LAKATOS, Eva. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2003.
- MINAYO, Celília. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- MIGNOLO, Walter. *Historias locales/disenos globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Madrid: Akal, 2003.
- OLIVEIRA, Ivanilde. *Paulo Freire: gênese da educação intercultural no Brasil*. Curitiba: CRV, 2015.
- \_\_\_\_\_; et al. *A Entrevista na pesquisa educacional*. Belém: EDUEPA, 2010.
- \_\_\_\_\_; et al. *A construção de categorias de análise na pesquisa em educação*. Belém: EDUEPA, 2011.
- PAIXÃO, Antonio. *Interculturalidade e Política na Educação Escolar Indígena na Aldeia Teko Haw – Pará*. 2010. 171f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2010.
- PÁDUA, Elisabete. *Metodologia da pesquisa: abordagem teórico prática*. São Paulo: Papirus, 2004.
- QUIJANO, Anibal. *Colonialidad del poder y clasificación social*. Buenos Aires: CLACSO, 2014.

TORRES, Nelson. “*Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto*”, em el giro decolonial. Bogotá: SDH, 2007.

WALSH, Catherine. *Interculturalidade crítica e pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e reviver*. Rio de Janeiro: 07 Letras, 2009.

**Palavra-chaves:** Escola Itaputyr; Ensino de Filosofia; Saberes Filosóficos; Modernidade/Colonialidade; Educação Intercultural.

[1]A rede é um conjunto de intelectuais com a argumentação de que a modernidade é fruto do colonialismo.

[2]São os conjuntos de perguntas fundamentais para o desvelamento do mundo e da vida em comunidade.

[3]É a transformação global da modernidade com os saberes dos/as sujeitos/as colonizados/as em diálogo.

[4]Neste texto o foco de debate é para a concepção de colonialidade e ou interculturalidade subjacente ao Projeto Político Pedagógico Curricular e no plano de aula, considerando ser uma pesquisa ainda não concluída.

[5]O “Saber” é um depósito dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber (FREIRE, 1987).